

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Realizador Convidado: A. Arrieta

4 de Junho de 2022

BELLE DORMANT / 2016

um filme de A. Arrieta

Realização: A. Arrieta / Argumento: Ado Arrieta a partir do conto de Charles Perrault / Imagem: Thomas Favel / Música: Benjamin Esdraffo, Ronan Martin / Montagem: A. Arrieta / Direcção Artística: Erwan Le Floc'h / Som: Mathieu Descamps / Guarda-Roupa: Justine Pearce / Interpretação: Niels Schneider (Príncipe Egon, da Létonia), Agathe Bonitzer (Gwendoline/Maggie Jenkins), Mathieu Amalric (Gérard Illinski), Tatiana Verstraeten (Princesa Rosemunde), Serge Bozon (Rei da Letónia), Ingrid Caven (fada má), Nathalie Trafford (rainha de Kentz), Andy Gillet (rei de Kentz), Vladimir Consigny (jovem homem misterioso), Olivier de Narnaud (Hervé, amigo cantor de Egon), Isabelle Regnier (primeira fada), Eva Chillón (segunda fada), Fleur Albert (terceira fada), Camille Genaud (quarta fada), Cécile Kiffer (Mme L. de la R.), Olivier De La Villéon (fotógrafo), Juliette Bouchery, Alicia Ducout, Nicolas Rio, Stéphanie Gaudechaux, Guillaume Delisle, Gregor Lesimple, Pierre Cuq, Marinelly Vaslon, Benjamin Esdraffo, Antoine Bourdin, Julie Ezmiro, etc.

Produção: Paraíso Productions; Pomme Hurlante Films / Produtores: Eva Chillón, Nathalie Trafford / Cópia: em DCP, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 83 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação pública: 19 de Novembro de 2016, Festival Mar del Plata, Argentina / Estreia comercial: 18 de Janeiro de 2017, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Belle Dormant é apresentado com **Un Chant d'Amour**, de Jean Genet (“folha” distribuída em separado).

com a presença de A. Arrieta

Belle Dormant é o último filme realizado por A. Arrieta, que desde 2016 não teve oportunidade de voltar a filmar. Segundo o que se dizia ontem após a projecção de **Tam-Tam** sobre uma pergunta feita há algum tempo a vários cineastas, à questão: – Porque filma? Arrieta terá replicado: – Devia perguntar antes porque não filma. Hoje há que lhe voltar a colocar a mesma questão, mas ficamos com **Belle Dormant**, longa-metragem com alguns anos que se insere claramente na “constelação” Arrieta, mas que é também a obra mais atípica dentro desse universo, que se começa a formar no início da década de sessenta.

Belle Dormant distingue-se antes de mais das outras obras do cineasta pelos seus valores de produção. Com uma produção “mais profissional” que os filmes anteriores – o que não será à partida uma mais-valia, se pensarmos nos valores em que assenta o cinema de Arrieta –, é também o filme que, para além de realizado com mais meios, dinheiro, e uma equipa mais vasta do que habitualmente, é aquele que mais actores conhecidos acolhe (Ingrid Caven, Agathe Bonitzer, Mathieu Amalric, o realizador Serge Bozon, etc.), aproximando-se de uma normalização aparente. Contudo, correspondendo a uma variação moderna sobre o famoso conto de Perrault, Arrieta propõe-nos algo próximo dos filmes

anteriores: a fusão do mundo seu contemporâneo com o mundo dos contos de fadas, que ganha neste filme uma literalidade suplementar. Encontramo-nos aqui face a uma Bela Adormecida que dormiu todo o século XX e desperta para o século XXI. Ideia brilhante que nos podia conduzir a todo um conjunto de especulações de ordem histórica e existencial.

Se noutros filmes Arrietta se inspirava muito livremente em outros textos eles próprios de cariz subversivo como *Eugénie de Franval*, do Marquês de Sade, e se não estamos no meio do mundo onírico e delirante de **Tam-Tam** ou de **Les Instrigues de Sylvia Couski**, em que os travestis são vistos como anjos; aparentemente mais inocente e ingénuo **Belle Dormant**, esconde um óbvio desejo de subversão. Como se escrevia, “não se trata de ‘recuperar’ a inocência para acreditar, trata-se de saber acreditar (e narrar) num tempo depois da inocência”. Esta é a atitude que guia Arrietta e esta foi a mesma atitude que guiou João César Monteiro na sua versão cinematográfica de *Branca de Neve*, ou do próprio Robert Walser, cujo texto Monteiro adaptou, que por sua vez transforma uma série de outros contos, entre os quais a própria *Bela Adormecida*. Um conto fascinante sujeito a inúmeras reinterpretações, sendo uma das mais belas uma breve alusão de Georges Bataille, que agora reli a pretexto deste texto: “Os contistas não imaginaram que a Bela Adormecida acordaria coberta por uma espessa camada de poeira; também não pensaram nas sinistras teias de aranha que o primeiro movimento dos seus cabelos ruivos teria destruído. No entanto, tristes camadas de pó invadem sem parar as casas terrestres e deixam-nas uniformemente sujas. (...)” (*A Mutilação Sacrificial e a Orelha Cortada de Van Gogh*, ed. Hiena – entrada do seu “Dicionário Crítico”, publicado originalmente na revista *Documents*). O que têm João César Monteiro, Robert Walser, Georges Bataille e A. Arrietta em comum? São criadores extremamente livres cuja vida sempre se imbricou com a obra até à indistinção, enveredando por caminhos nunca antes trilhados.

Longe da bricolage e de uma certa sensibilidade “camp” característica de Arrietta, **Belle Dormant** perdeu parte do “excesso” e da anarquia dos primeiros filmes do realizador, mas não a sua liberdade poética. Na sua maior contenção, **Belle Dormant** preserva o encantamento e a beleza, como se o encantamento do seu príncipe fora de todo o tempo cronológico se estendesse ao próprio espectador. É admirável a chegada do príncipe Egon ao reino de Kentz para encontrar a Bela Adormecida e quebrar o feitiço. Um reino congelado há cem anos, que dormiu todo o século XX, que é também o século do cinema. Um mundo de reflexos congelados, de águas paradas e de pássaros suspensos no céu, cujo despertar corresponderá ao despertar do movimento do cinema.

Ao invés do pó descrito por Bataille, confrontamo-nos com a figura de uma paragem forçada na imagem, que corresponde a um século de um tempo acelerado em que muita coisa mudou. Real e imaginário misturam-se assim sem qualquer perturbação, revelando como o mundo de Arrietta é um mundo à parte que se alimenta de um eterno sentido de humor e de maravilhamento face ao mundo.

Joana Ascensão